

Euzivaldo Queiroz/AE



Guerreiro waimiri-atroari arruma flechas junto à cerca da mina de Pitinga, a maior jazida de cassiterita do mundo

CONFLITO

Índios mantêm invasão à mina

Boa Vista — Os 110 guerreiros waimiri-atroari que no final da tarde de terça-feira invadiram e tomaram o posto de segurança da mina de Pitinga, em Presidente Figueiredo, sul de Roraima, continuam mantendo a posição. A situação é tensa na área. A mina de cassiterita — minério do estanho — é a maior em operação em todo o mundo e pertence à Paranapanema. Com ela desativada, o Brasil teria de importar esse metal.

Ficou acertada para o final da tarde de ontem uma reunião entre funcionários da Fundação Nacional do Índio (Funai), Ministério da Justiça e representantes da Paranapanema em Manaus, para buscar uma solução para o caso. Com início marcado para as 16 horas de Manaus (18 horas de Brasília), a reunião não tinha hora para terminar.

Os índios waimiri-atroari, que somam 705 pessoas divididas em 14 aldeias, numa área de 2,58 milhões de hectares, querem receber da empresa um caminhão de minério para cada um dos 200 carregamentos que saem mensalmente da mina. A empresa não concorda.

Ricardo Dequech, diretor de Divisão de Estanho da Paranapanema, disse que a empresa está disposta a retirar o minério da mina por avião, transportando-o para fora da reserva num voo de 12 minutos de duração. Outra alternati-

va da empresa é construir uma nova estrada fora da reserva indígena.

Mário Parwe, 45 anos, um dos 14 líderes dos waimiri-atroari, disse que a Paranapanema está blefando. No início da exploração da mina, o minério chegou a ser transportado dessa forma, segundo ele, mas com uma diferença: a Paranapanema aproveitava os aviões cargueiros que traziam equipamentos para a mina e retornavam com carga útil, o que não acontece mais.

ESTOQUE DE MINÉRIO

Na vila de moradores construída pela Paranapanema vivem três mil pessoas, entre elas crianças, filhos de funcionários da empresa. Eles temem que um descontrole dos líderes indígenas possa produzir um enfrentamento armado entre os índios e seguranças da empresa ou mesmo moradores da vila.

A Paranapanema, segundo Dequech, tem um estoque de minérios fora da região equivalente a produção de três meses e por isso o abastecimento do mercado não corre o risco de ser afetado.

Apesar do radicalismo dos índios, a Funai está inoperante. O órgão age de forma burocrática, lenta, e foi classificado por Márcio Santilli, seu ex-presidente, afastado em março passado, como um morto-vivo. Uma prova da acusação de Santilli é uma placa em

frente à sede da agência em Brasília, que a identifica como ligada ao Ministério do Interior, uma pasta que desapareceu na reforma ministerial do governo José Sarney, no final da década de 80.

ACULTURAÇÃO

Muitos dos waimiri-atroari que viviam próximos a Manaus no começo do século e recuaram para a bacia do rio Alalau, afluente do rio Negro, já falam e lêem o português, mas guardam a agressividade que herdaram dos choques e matanças iniciadas pelos brancos.

Os waimiri-atroari querem a reconquista da área onde está a mina de Pitinga e sua recuperação ambiental. O sertanista José Porfírio de Carvalho, que contactou esses índios nos anos 70, diz em seu livro *Waimiri-atroari, a história que ainda não foi contada* que a área da mina foi irregularmente desmembrada da reserva a partir da construção da estrada BR-174, que liga Manaus a Caracas, numa extensão de 3 mil quilômetros, passando por Boa Vista, capital de Roraima.

Segundo o sertanista, a manobra contou com cobertura do ex-ministro dos Transportes e depois candidato frustrado à Presidência da República Mário David Andreazza, desalojado de sua pretensão pelo atual prefeito de São Paulo, Paulo Maluf.